

Revisitando a tipologia da ordem de palavras

Microparâmetros no léxico

Guglielmo Cinque
Università Ca' Foscari Venezia, Italia

Abstract This contribution explores the parameter governing the order of heads and their complements within the general principle that the head and its complements form a phrase. This parameter seems to be the basis of many lexical differences between languages. In this text, it will still be maintained that even cases of seemingly general parameters, such as word order, can be formulated in lexical terms.

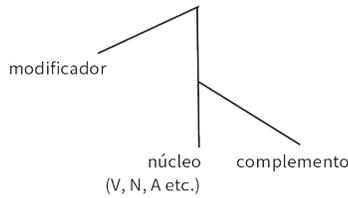
Keywords Lexicon. Syntax. Word order. Principles and parameters.

Resumo 1 Introdução. – 2 Variação lexical. – 3 Línguas ‘núcleo inicial’ e línguas ‘núcleo final’. – 4 Derivação das duas ordens (ideais). – 5 Argumentos para uma análise microparamétrica da ordem das palavras (com generalizações progressivas). – 5.1 As ordens ideais e as ordens efetivamente atestadas (cf. Cinque 2016, § 4.1). – 5.2 Ordem determinada pelos modificadores ou complementos. – 5.3 Ordem determinada pelo núcleo. – 6 Análise lexical microparamétrica e o problema da aquisição.

1 Introdução

Um avanço importante na teoria sintática do final dos anos 70 foi a introdução da noção de parâmetro de variação (dentro dos princípios gerais invariantes). Um exemplo clássico é o parâmetro que rege a ordem dos núcleos e dos seus complementos: dentro do princípio geral que estabelece que o núcleo e os seus complementos formam uma unidade/constituente, que juntamente com os modificadores, forma um constituinte de grau mais alto, como representado em (1):

(1)



O parâmetro associado a esse princípio propõe que os complementos seguem ou precedem o núcleo (2a-b). Verifique o caso do italiano em (3a), do português em (3b) e o do japonês em (3c)

- (2) a. [núcleo - complemento]
 b. [complemento - núcleo]
- (3) a. (Io) *dissi [che[può [far questo bene]]]* (italiano)
 b. (Eu) disse [*que[posso [fazer isso bem]]]* (português)
 c. (Watasi-wa) [[*sore-o zyoozuni okona]-eru] to] itta (japonês)
 (Eu-Top) isto-Acc. bem fazer-pode que disse
 Eu disse que (ele/ela) pode fazer isto bem.*

Chomsky (1995, 6) defende que os princípios não podem ser parametrizados e que os parâmetros devem ser «limitados a propriedades das entradas lexicais». Isso é evidentemente verdadeiro para muitos casos. Neste artigo, será examinado um em particular, que geralmente não é discutido, mas que parece estar na base de inúmeras diferenças lexicais entre as línguas. Limitar os parâmetros de variação a propriedades lexicais parece à primeira vista incompatível com diferenças de caráter mais geral, como o parâmetro 'núcleo inicial/núcleo final'. Neste texto, ainda será sustentado que até mesmo casos de parâmetros aparentemente gerais, como o da ordem das palavras, podem (talvez, devam) ser formulados em termos lexicais.

2 Variação lexical

Um tipo de variação claramente lexical entre as línguas pode ser caracterizado deste modo: a língua A tem duas (ou mais) entradas lexicais que correspondem a uma única entrada lexical na língua B.

Artigo traduzido por Sandra Quarezemin (UFSC/CNPq) e Luciano de Oliveira (UFSC). Os dados e informações do português brasileiro foram acrescentados pelos tradutores. A versão em italiano «Revisitando la tipologia dell'ordine delle parole: microparâmetri nel lessico» foi publicada nos Anais do 50º Congresso della Società di Linguistica Italiana, realizado em Milão, em setembro de 2016. O texto em italiano está disponível na revista *Società di Linguistica Italiana*, 63, 2018.

Exemplo 1 de léxico não gramatical

Enquanto o italiano e o português têm duas entradas lexicais para os membros superiores, *braccio* (braço) e *mano* (mão), e para os membros inferiores, *gamba* (perna) e *piede* (pé), o búlgaro (assim como muitas outras línguas) tem uma única entrada lexical para 'braccio' e 'mano', *raka*, e uma para 'gamba' e 'piede', *krak*.¹ A especificação do italiano/do português e do búlgaro segue abaixo:

- (4) a. **italiano** *braccio* - *braço* (+ membro superior, - extremidade)
 português *mano* - *mão* (+ membro superior, + extremidade)
 gamba - *perna* (+ membro inferior, - extremidade)
 piede - *pé* (+ membro inferior, + extremidade)
- b. **búlgaro** *raka* 'braccio' ou 'mano'
 (+ membro superior, +/- extremidade)
 krak 'gamba' ou 'piede'
 (+ membro inferior, +/- extremidade)²

Exemplo 2 de léxico não gramatical

Enquanto o inglês e o português têm entradas distintas para *grandson/granddaughter* (neto/neta) e *nephew/niece* (sobrinho/sobrinha), o italiano tem uma só entrada lexical, *nipote*.

Inglês e português:

- (5) a. ego
 |
 (son/daughter)
 (filho/filha)
 |
 grandson/granddaughter
 neto/neta
- b. ego ——— (brother/sister)
 (irmão/irmã)
 |
 nephew/niece
 sobrinho/sobrinha

O contraste entre o inglês (*grandson/granddaughter* e *nephew/niece*) e o português (neto/neta e sobrinho/sobrinha) versus o italiano *nipote* encontra o seu fundamento na mesma lógica de especificação e

¹ O World Atlas of Language Structures (<http://wals.info/chapter/129>) menciona que 228 línguas têm uma palavra idêntica para 'mano' e 'braccio', enquanto 389 línguas têm duas palavras distintas.

² É interessante notar que outras línguas, que como o búlgaro deixam indeterminado o traço 'extremidade', por exemplo o húngaro, com *láb* 'perna' ou 'pé', podem também realizar tal traço em um composto mais preciso, *láb-fej* 'ponta da perna' (lit. perna-ponta) = 'pé' (Julia Horvath, comunicação pessoal).

subespecificação. O inglês e o português, que podem ser caracterizados como em (5) e (6), investem nos traços diferenciais [+descendente -ascendente] e [-descendente, -ascendente] da primeira linha:

- (6) a. 2 graus de distância
 1° + descendente, - ascendente
 2° + descendente, - ascendente
- b. 2 graus de distância
 1° - descendente, - ascendente
 (=horizontal)
 2° + descendente, - ascendente
 [traço comum]

O italiano *nipote* investe, entretanto, no traço comum da segunda linha [+descendente -ascendente] e subespecifica o traço descendente (+/-) da primeira linha:

- (7) a. ego
 |
 (figlio/a)
 |
nipote
- b. ego ——— (fratello/sorella)
 |
nipote

- (8) 2 graus de distância
 1° +/- descendente, - ascendente [traço subespecificado]
 2° + descendente, - ascendente [traço comum]

Não é um problema, então, que *nipote* englobe ‘filho/a do/a filho/a’ e ‘filho/a do irmão ou da irmã’ (dois graus de distância) ao invés de ‘filho/a do/a filho/a’ e ‘primo/a’ (que são 3 graus de distância).

A mesma lógica vale para o léxico gramatical.

Exemplo de léxico gramatical (Zanuttini 1997, §§ 3.3.1 e 3.3.2)

Enquanto o piemontês de Turim tem duas partículas de negação, **nen** (neutra, que nega uma certa proposição P), e **pa** (pressuposicional, que nega uma proposição P que o falante considera como pressuposta no contexto) (cf. italiano *mica* - Cinque 1976), o valdostano de Cogne tem uma única, **pa** (que pode ser usada tanto como negação neutra quanto como negação pressuposicional) (cf. *pas* francês).

Parece que este esquema de variação não é acidental e deriva do fato de que os referentes lexicais ou gramaticais das duas palavras da língua A, que correspondem à única palavra da língua B, compartilham um componente/traço (diferenciando-se com relação a outros traços). A única palavra da língua B é especificada para o traço comum e subespecificada para os traços diferenciais. A língua A, no entanto, especifica também os traços diferenciais através de duas palavras distintas.

As duas partículas de negação do piemontês de Turim, a pressuposicional (*pa*) e a neutra (*nen*), além das diversas condições pragmáticas que as governam, diferenciam-se também pela posição que ocupam na frase. A partícula negativa pressuposicional *pa* precede necessariamente um advérbio como *gia* ‘já’, enquanto a partícula negativa neutra *nen* segue-o obrigatoriamente:

- (9) a. A l' è **pa**/***nen** **gia** parti
 Cl Cl é não já partido
 ‘(Ele) já não partiu.’
 b. A l' avia **gia** **nen**/***pa** salutami cul di la
 Cl Cl tinha já não cumprimentado-me aquele dia ali
 ‘Aquele dia ali (ele/ela) já não tinha me cumprimentado.’

A ordem completa dada em Zanuttini (1997, 72) é então **pa** > *gia* > **nen** (> sempre). De fato, as duas partículas negativas podem coocorrer, na ordem esperada *pa nen*, como se vê em (10):

- (10) Fa **pa nen** (***nen pa**) suli
 Faz não não isso
 ‘Não faz isso!’ (em uma situação na qual o interlocutor esteja prestes a fazê-lo)

O dialeto valdostano de Cogne tem, entretanto, uma só partícula negativa que pode ser usada tanto como negação pressuposicional quanto como negação neutra: *pa*. No entanto, essa não é uma particularidade puramente lexical. Quando *pa* é usada com valor pressuposicional, precede *dza* ‘já’ (como o *pa* turinês); quando é usada com valor neutro, segue *dza* (como o *nen* turinês), como mostra (11):

Cogne (Zanuttini 1997, 82):

- (11) a. L' è **pa dza** parti?
 Cl é não já partido?
 ‘(Ele/Ela) já não foi embora, certo?’
 b. I m'a **dza pa** saluià ce dzor lai
 Cl me tem já não cumprimentado aquele dia ali
 ‘Aquele dia já não me cumprimentou.’

A ordem completa dada em Zanuttini (1997, 82) é:

- (12) **pa** > *dza* > **pa** (> toujou)³

³ O francês parece ser como o valdostano, por ter um só advérbio negativo, *pas*, que pode ocupar duas posições (antes ou depois do advérbio *déjà*). V.: *Pourquoi tout n'a-t-il*

- (14) a. **C° T°/Mod° Asp° V(P) AdvP₁ AdvP₂ DP⁴**
 b. **malgaxe** (malaio-polinésio, VOS – Rackowski, Travis 2000, § 1)
Tsy manasa tsara foana intsony mihitsy Rakoto
Neg Pres.AT.lavar bem sempre não mais de fato Rakoto
 ‘Rakoto realmente não lava mais sempre bem’
 c. **anejom** (malaio-polinésio, VOS – Lynch 1982, 119ff)
 Is ika aen **is pu** apam imrañ
PASS dizer ele **PASS FUT** vir amanhã
 ‘Ele disse (que) viria amanhã’

Na ordem núcleo-final ‘ideal’, entretanto, todos os núcleos funcionais (os auxiliares aspectuais e temporais, os modais, os complementadores etc.) seguem o V lexical em uma ordem que é linearmente a oposta da ordem de geração básica (os mais altos, como os complementadores, seguem os mais baixos). Já os sintagmas (argumentos, circunstanciais e modificadores) precedem linearmente o V lexical na ordem de geração básica (os mais altos precedem os mais baixos), como em (3c) e (15):

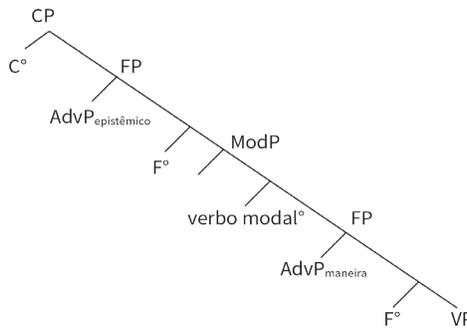
- (15) a. **DP AdvP₂ AdvP₁ V(P) Asp° T°/Mod° C°**
 b. **malaiala** (dravídiano do sul, SOV – Babu 1996, 4ff)
 ñaan innale aviDe pook-um-aayir-unnu
 eu-NOM ontem ali ir-FUT-ser.PASS-PRES
 ‘Eu teria ido ali ontem’
 c. **maranungku** (australiano, Daly, SOV – Tryon 1970, 46)
 yer ngeti tyapat me tu
 amanhã eu nadar PROG FUT
 ‘Amanhã eu nadarei’

A generalização mais ampla que as duas ordens compartilham é que tudo o que precede o V lexical reflete a ordem de geração básica (isto é, de escopo) e tudo o que segue está na ordem oposta à de geração básica.

O que impressiona é a separação entre os núcleos que se colocam de um lado do V (ou N etc.) e os sintagmas que se colocam no lado oposto, mesmo que haja razão para acreditar que núcleos e modificadores estejam alternados, por motivos de escopo relativo, como indicado em (16):

⁴ Para exemplificação adicional e para referências a trabalhos que tratam da ordem canônica das línguas ‘núcleo inicial’ e ‘núcleo final’, remeto a Cinque 2016.

(16)

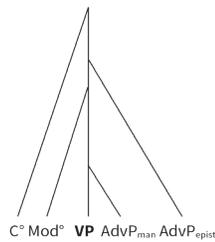


4 Derivação das duas ordens (ideais)

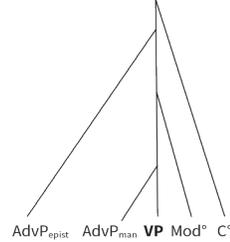
A linearização simétrica à esquerda dos núcleos e à direita dos modificadores, como em (17a) (ou vice-versa, como em (17b)), parece poder representar as ordens ideais das línguas ‘núcleo inicial’ e ‘núcleo final’:

(17)

a. núcleo-inicial



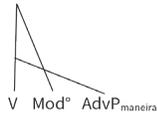
b. núcleo-final



Entretanto, a extraordinária variação existente entre as línguas do mundo registra a existência de numerosos desvios das ordens ideais (e do princípio de linearização). Casos como (18) mostram que somente a linearização simétrica (que reflete o escopo relativo dos elementos) não basta e que a derivação das ordens deve envolver movimentos do verbo, ou do VP (veja Cinque 2016, para uma análise baseada no movimento do verbo e das suas projeções).⁵

⁵ Estruturas como a de (18a) (nas quais os ramos se cruzam) não são admitidas na axiomática de Chomsky (1975). Ver Barss, Lasnik 1986, 351.

(18) a.



b. khun doong phoo phaasa thai dai nit-nooi

(Thai – Duffield 1999, 118)

tu debes suficientemente **falar** tai **poder um pouco**

‘Tu debes poder falar um pouco thai’

Em particular, várias considerações indicam a aceitabilidade de uma análise microparamétrica mais detalhada que o macroparâmetro núcleo inicial/núcleo final.

5 Argumentos para uma análise microparamétrica da ordem das palavras (com generalizações progressivas)

5.1 As ordens ideais e as ordens efetivamente atestadas (cf. Cinque 2016, § 4.1)

Todas as línguas, mesmo as ‘núcleo final’ mais rígidas (japonês, coreano, tâmil...) e as ‘núcleo inicial’ mais rígidas (malgaxe, anejom, tonganês...), apresentam algumas incoerências (Cinque 2016, § 4.1 e referências ali apresentadas); grande parte das línguas apresenta muitas incoerências; algumas apresentam incoerências particularmente vistosas. Observem os casos das línguas tzutujil e bargam:

(19) a. tzutujil (maia (Qichean), VOS – Dayley 1985)

b. V Obj Subj AdvP PP (núcleo inicial)

c. DemP NumP AP N (núcleo final)

(20) a. bargam (papua (Trans-Nova Guiné), SOV – Hepner 2006)

b. AdvP Subj PP Obj V T AGR Q (núcleo final)

c. N AP NumP DemP (núcleo inicial)

Há um segundo e mais significativo fato (que na verdade também é um paradoxo): as línguas que mais se aproximam dos tipos ideais ‘núcleo final’ e ‘núcleo inicial’ (as chamadas línguas SOV ‘rígidas’ e as línguas VOS) são uma minoria dentre as línguas do mundo (Dryer 1992, 109 fn. 17). As línguas VOS superam por pouco 3% da totalidade das línguas na amostra de 5.230 línguas de Hammarström (2015).⁶

⁶ Somando as línguas VSO a essas, que na mesma amostra atingem 9,5%, chega-se ao máximo de 13%.

Há razão para acreditar que as línguas SOV ‘rígidas’ não superem muito essa mesma percentagem (Cinque 2016).

Isso torna aceitável uma análise microparamétrica (lexical) da derivação da ordem das palavras; uma análise que possa conciliar as idiossincrasias lexicais, as sub-regularidades e algumas tendências gerais.

O que se observa é que se verificam casos nos quais a ordem entre o núcleo e o modificador ou complemento é determinada lexicalmente pelo modificador ou complemento, ou casos nos quais é o núcleo que determina lexicalmente se o complemento ou modificador deve estar à sua direita ou à sua esquerda (com graus diversos de generalidade).

5.2 Ordem determinada pelos modificadores ou complementos

Vejamos os casos de entradas lexicais únicas e do modificador adjectival único. Em inglês *enough* coloca aquilo que modifica à esquerda; todos os outros modificadores adjectivais colocam o que modificam à direita:

- | | | | |
|------|----|-------------------------|-----------------------------|
| (21) | a. | expensive enough | (* enough expensive) |
| | | ‘caro o suficiente’ | |
| | b. | very expensive | (*expensive very) |
| | | ‘muito caro’ | |
| | c. | quite expensive | (*expensive quite) |
| | | ‘muito caro’ | |
| | d. | too expensive | (*expensive too) |
| | | ‘muito caro’ | |
| | e. | more expensive | (*expensive more) |
| | | ‘mais caro’ | |

Em italiano, assim como em português, adjectivo com modificação directa (Cinque 2010), como **vecchio** ‘de longa data’, é somente pré-nominal:

- | | | | |
|------|----|--------------------------|--------------------------|
| (22) | a. | un vecchio amico | ‘um amigo de longa data’ |
| | b. | *un amico vecchio | [somente ‘ancião’] |

A mesma situação ocorre em português brasileiro, quando o falante quer se referir a ‘um amigo de longa data’, o adjectivo ‘velho’ sempre deve aparecer antes do nome, ‘um velho amigo’. Se o adjectivo velho for posposto ao nome, o sentido muda para ‘amigo com muita idade’.

Também há uma subclasse única de uma classe mais ampla. Observem que alguns adjectivos de nacionalidade iatro-romenos que são de origem eslava precedem o nome; os de origem românica seguem-no (Zegrean 2012, 93):

- (23) a. ur **taljanski** fečor (*fečor **taljanski**)
 ur fečor **taljan** (*ur **taljan** fečor)
 ‘um garoto italiano’

Alguns adjetivos de cor no árabe maronita de Chipre que são de origem grega precedem ou seguem o nome; enquanto os de origem árabe obrigatoriamente seguem-no (Panayidou 2013, 179):

- (24) a. (tin-i) **li-prasini** varka (também varka **li-prasini**)
 (dê-me) a-verde.f papel.def.f
 ‘(Me dê) o papel verde’
 b. (tin-i) varka **ħabra** (*tin-i **ħabra** varka)
 (dê-me) papel.def.f vermelha.def.f
 ‘(Me dê) o papel vermelho’

Em chinês, os objetos diretos preposicionados são pré-nominais, enquanto os objetos diretos sem preposição são pós-nominais:

- (25) a. ta **ba shu** fang zai chuang-shang (Sybesma 1999, 144)
 ele P livro coloca a cama-parte superior
 b. ta fang-le **shu** zai chuang-shang
 ele colocar-perf livro a cama-parte superior
 ‘Ele colocou um livro sobre a cama’

Observem agora o comportamento dos adjetivos de nacionalidade *versus* os adjetivos de medida em italiano e português, que compõem uma classe adjetival única.

- (26) a. l’invasione **romana** della Tracia – *la **romana** invasione della Tracia
 b. l’**enorme** cupola di S.Pietro/la cupola **enorme** di S.Pietro
 (27) a. a invasão **romana** da Trácia – *a **romana** invasão da Trácia
 b. a **enorme** cúpula de São Pedro/a cúpula **enorme** de São Pedro

Nas duas línguas, os adjetivos de nacionalidade devem aparecer postostos ao nome, enquanto os adjetivos de medida podem aparecer antes ou depois do nome, sem alterar o sentido do sintagma.

Cinque (2016) aponta que os adjetivos do persa formam uma categoria individual (AP) em posição pós-nominal dentro da projeção NP; em búlgaro, todas as classes de modificadores (adjetivos, numerais, demonstrativos, quantificadores etc.) aparecem em posição pré-nominal dentro da projeção estendida do nome; no japonês, com poucas exceções, há uma harmonia ‘intercategorial’ (quase perfeita), estando as classes de modificadores dentro de todas as projeções estendidas (nominais, verbais, adjetivais).

5.3 Ordem determinada pelo núcleo

Em sueco (Platzack 2014, § 4), alguns adjetivos colocam o seu complemento à esquerda. Cf. (28):

- (28) a. Hon var honom likgiltig.
Ela era ele indiferente
b. Hon var likgiltig *(för) honom.
Ela era indiferente a ele
'Ela era indiferente a ele'

Outros colocam o seu complemento à direita. Cf. (29):

- (29) a. Han är kvitt sina plågor.
Ele é livre.de os.seus.RIFL dores
b. *Han är sina plågor kvitt.
Ele é os.seus.RIFL dores livre.de
'Ele se livrou das suas dores'

Já outros colocam-no tanto à esquerda quanto à direita. Cf. (30):

- (30) a. Hunden är sin husse trogen
cão.o é seu dono fiel
b. Hunden är trogen sin husse
cão.o é fiel seu dono
'O cão é fiel ao seu dono'

Em michif (língua mista - francês e cree - Bakker 1997, 112), alguns apostos colocam o seu complemento à direita (são preposições), como em (30a), e outros à esquerda (são posposições), como em (30b):

- (30) a. **d** sa:b
de areia
b. bi:bi: **pour**
criança para
'para a criança'

Em outras línguas, o complemento nominal pode indiferentemente preceder ou seguir o mesmo aposto. Como o caso do alemão em (31):

- (31) a. **nach** meiner Meinung
segundo minha opinião
b. meiner Meinung **nach**
minha opinião segundo
'segundo a minha opinião'

Em persa, alguns auxiliares de tempo colocam o verbo lexical à sua esquerda, enquanto outros o colocam à sua direita:

farsi⁷ (Goldberg unpubl., § 6.1)

- (32) a. (man) rafte **budam**
 (eu) ir.PART ser-PASS.PERF.1.sg
 'Eu tinha ido'
 b. (man) **xâham** raft
 (eu) FUT-1.sg ir
 'Eu irei'

Em bengali, diferentes complementizadores modificam a posição da sentença encaixada. O complementizador, *je*, coloca a frase encaixada à sua direita, enquanto o *bole* coloca-a à sua esquerda:

bangla⁸ (Bayer 1996, 255)

- (33) a. Chele-Ta Sune-che [**je** [or baba aS-be]]
 garoto-Cl ouvir-PASS [COMP [seu pai vir-FUT]]
 'O garoto ouviu que o seu pai virá'
 b. Chele-Ta [[or baba aS-be] **bole**] Sune-che
 garoto-Cl [[seu pai vir-FUT] COMP] ouvir-PASS
 'O garoto ouviu que o seu pai virá'

Os dois casos vistos, (i) modificador ou complemento que determinam a ordem e (ii) núcleo que determina, sugerem que a ordem entre os núcleos e os seus complementos e modificadores deve ser fixada no léxico. Em alguns casos, nos modificadores ou complementos de um núcleo; em outros casos, nos núcleos, através de generalizações progressivamente mais amplas: de uma entrada lexical simples às entradas lexicais pertencentes a subclasses de uma certa classe (por exemplo, os adjetivos de nacionalidade), a classes inteiras (por exemplo, todos os adjetivos), a todas as classes de um certo tipo (por exemplo, todos os modificadores nominais, ou todos os modificadores de todas as categorias), sempre com algumas exceções.

⁷ Farsi é uma língua ocidental iraniana dentro do ramo indo-iraniano da família das línguas indo-europeias.

⁸ Bangla é a língua indo-ariana falada pelas populações de Bangladesh e pelo estado indiano vizinho de Bengala Ocidental.

Qualquer análise lexical dos parâmetros de variação das ordens das palavras deverá assegurar certos tipos de harmonia intra e intercategoriais; do contrário, como observado em Baker (2008, 360), se cada entrada lexical pudesse diferir de outra aleatoriamente, as línguas deveriam distribuir-se em um continuum de cada combinação de propriedades possível. Entretanto, existem tendências claras: em particular há uma harmonia intracategoriais na projeção estendida do verbo em relação aos núcleos **(V/Modal/Aux)**. Veja-se Dryer (1992, 94 e 100).

- | | | | |
|------|---|------|--|
| (37) | a. OV e V modal (quer): 29 gerações
b. VO e modal (quer) V: 42 gerações
c. OV e modal (quer) V: 10 gerações
d. VO e V modal (quer): 4 gerações | (38) | a. OV e VAux: 36 gerações
b. VO e AuxV: 28 gerações
c. OV e AuxV: 3 gerações
d. VO e VAux: 4 gerações |
|------|---|------|--|

E uma harmonia intercategoriais quando estão envolvidos os núcleos e os seus complementos **(V/O, P/O, N/Gen)** (cf. o Interactive Tool do WALS Online):

- | | | | |
|------|--|------|---|
| (39) | a. OV e OP: 427 línguas
b. VO e PO: 417 línguas
c. VO e OP: 38 línguas
d. OV e PO: 10 línguas | (40) | a. OV e Gen N: 434 línguas
b. VO e N Gen: 352 línguas
c. VO e Gen N: 113 línguas
d. OV e N Gen: 30 línguas |
|------|--|------|---|

Essas harmonias parciais talvez também possam ser atingidas em uma análise microparamétrica se as especificações lexicais puderem ser o resultado de certas generalizações codificadas em última análise no léxico. O comportamento especial de uma entrada lexical simples (por exemplo, *enough*, em inglês) representa um caso limite (e um certo custo). Mais comuns são generalizações mais amplas: todos os adjetivos que pertencem a uma subclasse morfológica específica, por exemplo, os adjetivos em *a-* do inglês (*afraid*, *astray*, *alive*, etc) são marcados como linearizados à direita do nome, ou os adjetivos de nacionalidade em italiano e em português obrigatoriamente linearizados à direita do nome ou a todas as subclasses de adjetivos, como no persa.

Se isso for verdade, até mesmo um parâmetro geral aparente, como o da ordem dos núcleos e dos seus complementos e modificadores, encontra a sua expressão natural em codificações lexicais (de progressiva generalidade).

Referências bibliográficas

- Babu, H. (1996). «The Binariness of the Malayalam Tense System: Some Preliminary Remarks». *CIEFL Occasional Papers in Linguistics*, 6, 1-23.
- Baker, M.C. (2008). «The Macroparameter in a Microparametric World». Biberauer, T. (ed.), *The Limits of Syntactic Variation*. Amsterdam: Benjamins, 351-73.
- Bakker, P. (1997). *A Language of Our Own. The Genesis of Michif. The Mixed Cree-French Language of the Canadian Métis*. New York: Oxford University Press.
- Barss, A.; Lasnik, H. (1986). «A Note on Anaphora and Double Objects». *Linguistic Inquiry*, 17, 347-54.
- Bayer, J. (1996). *Directionality and Logical Form*. Dordrecht: Kluwer.
- Chomsky, N. (1975). *The Logical Structure of Linguistic Theory*. Springer US.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Cinque, G. (1976). «Mica». *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Padova*, 1, 101-12. Poi in: *Teoria linguistica e sintassi italiana*. Bologna: il Mulino, 1991.
- Cinque, G. (2010). *The Syntax of Adjectives. A Comparative Study*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Cinque, G. (2016). «A Microparametric Approach to the Head-Initial/Head-Final Parameter». Karimi, S.; Piattelli Palmarini, M. (orgs), *Linguistic Analysis*, 41, 309-66.
- Dayley, J.P. (1985). *Tzutujil Grammar*. Berkeley: University of California Press.
- Dryer, M.S. (1992). «The Greenbergian Word Order Correlations». *Language*, 68, 81-138.
- Duffield, N. (1999). «Final Modals, Adverbs and Antisymmetry in Vietnamese». *Revue québécoise de linguistique*, 27, 92-129.
- Goldberg, A. (unpublished). *Persian Auxiliaries*. Ms., Princeton University.
- Greenberg, J. (1963). «Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements». Greenberg, J. (ed.), *Universals of language*. Cambridge (MA): MIT Press, 73-113.
- Hammarström, H. (2015). «The Basic Word Order Typology. An Exhaustive Study». Paper presented at the closing conference of the Department of Linguistics at the Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, Leipzig, 3rd March 2015. http://www.eva.mpg.de/fileadmin/content_files/linguistics/conferences/2015-diversity-linguistics/Hammarstroem_slides.pdf.
- Hawkins, J.A. (1983). *Word Order Universals*. New York: Academic Press.
- Hepner, M. (2006). *Bargam Grammar Sketch*. Ukarumpa (Papua New Guinea): Summer Institute of Linguistics.
- Lehmann, W. (1973). «A Structural Principle of Language and Its Implications». *Language*, 49, 47-66.
- Lynch, J. (1982). «Anejom Grammar Sketch». *Papers in Linguistics of Melanesia*, 4, 93-154.
- Panayidou, F. (2013). *(In)flexibility in Adjective Ordering* [PhD Dissertation]. London: Queen Mary College, University of London.
- Platzack, C. (2014). «Predicative Adjectives with NP Complement(s). A Case of Optional Head Movement». Helgesson, K. et al. (eds), *Fint språk/ Good Language, Festskrift till Lars-Gunnar Andersson*. Göteborg: Meijerbergs institut för svensk etymologisk forskning, 129-42.

- Rackowski, A.; Travis, L. (2000). «V-initial Languages. X or XP Movement and Adverbial Placement». Carnie, A.; Guilfoyle, E. (eds), *The Syntax of Verb Initial Languages*. New York: Oxford University Press, 117-41.
- Sybesma, R. (1999). *The Mandarin VP*. Dordrecht: Kluwer.
- Tryon, D.T. (1970). *An introduction to Maranungku (Northern Australia)*. Canberra: The Australian National University.
- Vennemann, T. (1973). «Explanation in Syntax». Kimball, J. (ed.), *Syntax and Semantics*, vol. 2. New York: Seminar Press, 1-50.
- Zanuttini, R. (1997). *Negation and Clausal Structure. A Comparative Study of Romance Languages*. New York: Oxford University Press.
- Zegrean, I. (2012). *Balkan Romance. Aspects on the Syntax of Istro-Romanian* [PhD Dissertation]. Venezia: Università Ca' Foscari Venezia.

